

LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO: PRÁTICAS LEITORAS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Francisco Wedson da Silva Costa (UERN)

francisco20251002856@alu.uern.br

Francisca Ramos Lopes (UERN)

franciscaramos@uern.br

RESUMO

Esta pesquisa foca-se nos estudos do letramento racial crítico, com a turma do 9º ano, da Escola Municipal-RN, localizada na cidade de Serra do Mel-RN. A pesquisa tem como objetivo investigar como práticas de letramentos intermediadas pelo uso de gêneros discursivos diversos podem contribuir para a formação de leitores críticos sobre a discussão étnico-racial em aulas de Língua Portuguesa. Esta pesquisa será realizada a partir de uma abordagem qualitativa com viés interventivo, na qual se procurará, desenvolver oficinas de leitura para despertar a criticidade e ampliar o conhecimento sobre a diversidade étnico-racial. Teoricamente, as reflexões e discussões serão amparadas nos estudos de Gomes (2011) para refletir sobre o eurocentrismo. Posteriormente, discute-se acerca do racismo na escola com os apontamentos de Munanga (2005). Para abordar a leitura como prática discursiva de interação utiliza-se os conhecimentos de Kleiman (2002) e Lajolo (2005). Em seguida, parte-se para o aprofundamento sobre o letramento racial crítico embasado nos conceitos de Kleiman (2012) e Ferreira (2015). Esperam-se reflexões acerca do racismo em várias esferas sociais, as quais contribuam para a desconstrução de práticas preconceituosas e discriminatórias por meio da formação de uma consciência social crítica.

Palavras-chave:

Diversidade. Leitura. Gêneros discursivos.

ABSTRACT

This study investigates the development of critical racial literacy among 9th-grade students at Escola Municipal-RN, located in Serra do Mel-RN. The research aims to examine how literacy practices mediated through diverse discursive genres can contribute to the formation of critical readers capable of engaging with ethnic-racial issues in Portuguese language classes. Employing a qualitative, intervention-based approach, the study proposes reading workshops designed to foster critical awareness and expand students' understanding of ethnic-racial diversity. The theoretical framework draws on Gomes (2011) to discuss Eurocentrism and on Munanga (2005) to analyze racism within school contexts. Reading as a discursive and interactional practice is supported by Kleiman (2002) and Lajolo (2005). The study further deepens the discussion on critical racial literacy through the perspectives of Kleiman (2012) and Ferreira (2015). The findings are expected to contribute to the deconstruction of prejudiced and discriminatory practices by promoting the development of critical social consciousness across various social spheres.

Keywords:

Diversity. Reading. Discursive genres.

1. Introdução

A escola é um espaço de encontro de diferentes grupos, com diversos saberes, costumes e tradições, e essa diversidade, segundo Munanga (2005), não existe para tornar um grupo superior ou inferior ao outro, mas sim para complementar-se e contribuir para uma sociedade plural e equitativa.

Diante disso, educar para diversidade é uma tarefa urgente, como ratifica Aranha (1996, p. 229), ao afirmar que, para educar, é necessária “a aceitação da diferença, da pluralidade inevitável do mundo, sem a intenção de que todos ‘falem a mesma língua’ ou sejam reduzidos à similaridade”. Ou seja, a escola é um lugar de relações heterogêneas e essas relações precisam ser conduzidas para emancipação dos estudantes.

Diante do exposto, percebe-se que é no ambiente escolar onde se desenvolvem as relações diversas e esse espaço precisa ser aproveitado para a formação de sujeitos críticos e conscientes socialmente. Nesse contexto, é necessário que os professores proporcionem, por meio da linguagem, reflexões e discussões em sala de aula que contribuam para a formação de leitores críticos. Assim, a escola, como ambiente propício para formação e desenvolvimento do sujeito, não será apenas um lugar de reprodução, mas um local de produção de ideias e valores.

Para Cardoso (2000, p. 09), “a linguagem é uma das manifestações mais próprias de uma cultura. Longe de ser apenas um veículo de comunicação objetiva, ela dá testemunho das experiências acumuladas por um povo, de sua memória coletiva, seus valores”. Ribeiro (2019, p. 26) corrobora com essa concepção ao dizer que “a linguagem também é carregada de valores sociais, e que por isso é preciso utilizá-la de maneira crítica deixando de lado expressões racistas”.

Assim sendo, a linguagem não é apenas decodificação; ela é expressão de poder, de pertencimento e precisa ser utilizada e analisada para a identificação e desconstrução de estereótipos, preconceitos e práticas discriminatórias no ambiente escolar.

Identificar e combater essas atitudes violentas materializadas por meio da linguagem é de extrema importância, pois, segundo Henriques e Cavalleiro (2005, p. 13), “a violência racial escolar atenta contra o presente, deforma o passado e corrói o futuro”. Diante disso, é notória a urgência de desenvolver nas aulas de Língua Portuguesa práticas discursivas, por meio de gêneros textuais diversos sobre a temática do racismo, que serão propostos aos estudantes por meio de oficinas, contribuindo assim para a valorização da diversidade étnico-racial que compõe a identidade brasileira.

Logo, para abordar questões étnico-raciais nas aulas de Língua Portuguesa, é necessário ressaltar a importância da leitura nesse processo de letramento racial crítico. A prática docente precisa ser organizada de uma maneira que considere as práticas sociais, que possibilitem que os estudantes envolvidos se reconheçam parte daquela prática e associem a leitura e a escrita à sua realidade. Dessa forma, as atividades não serão apenas para obtenção de notas, mas contribuirão para a formação cidadã e subsidiarão os estudantes em sua percepção e ação sobre o mundo.

Contudo, percebe-se que práticas discursivas desenvolvidas nas escolas predominantemente baseiam-se em habilidades e competências, impondo práticas de letramento com foco em determinados grupos sociais, quase sempre priorizando grupos de prestígio, com características eurocêntricas. Consequentemente, desconsideram práticas étnico-raciais, às quais muitos estudantes se identificam, visto que, segundo dados do IBGE (2023), 56% da população brasileira é negra. Diante disso, Street pontua que

[...] as instituições, o texto, os sujeitos são tratados de forma homogênea, independentemente do contexto social. O maior esforço, então, consiste em avaliar o que os sujeitos sabem sobre alguns textos escritos com raras preocupações sobre como as pessoas os usam e o que fazem com eles em diferentes contextos históricos e culturais. (Street, 2014, p. 9)

Posto isso, percebe-se a necessidade de promover oficinas de letramentos nas aulas de Língua Portuguesa, com os alunos do 9º ano, baseando-se em práticas de leitura com textos diversos sobre as relações étnico-raciais. Assim, este trabalho irá investigar como práticas de letramentos intermediadas pelo uso de gêneros discursivos diversos contribuem para a formação de leitores críticos e letrados sobre a discussão étnico-racial em aulas de Língua Portuguesa. Logo, o texto não será considerado apenas em seus aspectos gramaticais, mas será explorada a criticidade do discente para que ele associe leitura ao seu mundo.

2. Justificativa

Este projeto surgiu a partir do questionamento e da angústia do professor de Língua Portuguesa, em seu ambiente de trabalho, acerca da diversidade e do racismo nas relações dentro e fora da sala de aula.

O professor passou a observar e refletir sobre sua prática docente e ao se deparar com falas racistas de outros professores e notar que as questões raciais não eram trabalhadas, nem valorizadas na escola, nem mesmo no dia 20 de novembro, dia instituído para trabalhar a consciência negra, decidiu pesquisar e se aprofundar nas relações étnico-raciais e nos estudos sobre o

letramento racial, para assim, desenvolvê-lo em sala de aula, pois o conhecimento é construído a partir de problemáticas do cotidiano.

Por meio deste, busca-se proporcionar práticas leitoras com diversos textos, de cunho antirracista, para que estudantes desenvolvam a leitura crítica, assim como também, reflitam sobre as relações étnico-raciais em nossa sociedade e consigam de maneira positiva desenvolver a auto aceitação como sujeito negro. Dessa forma, os estudantes irão discutir e refletir sobre a importância da cultura afro-brasileira e africana para a formação da população brasileira, e a partir dessa discussão poderão desenvolver atitudes de pertencimento, respeito, empatia e valorização do outro.

3. *Fundamentação teórica*

Inicialmente, recorre-se aos estudos de Gomes (2005, 2011) para refletir sobre a diversidade étnico-racial e o eurocentrismo. Posteriormente, discute-se acerca do racismo na escola com os apontamentos de Munanga (2005), buscando compreender o contexto escolar e como se dão as práticas racistas nesses espaços.

Para abordar a leitura como prática discursiva de interação, utilizam-se os conhecimentos de Kleiman (1999; 2002) e Lajolo (1993, 2005), pois essas autoras concebem a leitura como prática de interação e de conhecimento de mundo. Após esses estudos, parte-se para o aprofundamento sobre o letramento crítico e o letramento racial, fundamentado em Rojo (2013), Kleiman (2012) e Soares (2021), de modo a compreender os variados letramentos que fazem parte da realidade dos estudantes.

Espera-se que tais reflexões contribuam para a desconstrução de práticas preconceituosas e discriminatórias, promovendo uma consciência social crítica.

3.1.A *diversidade como princípio norteador das práticas leitoras*

As relações étnico-raciais são temáticas complexas na contemporaneidade e exigem estudo minucioso. Um olhar atento sobre a sociedade brasileira revela pluralidade e diversidade, mas, apesar disso, o racismo permanece presente de forma camuflada.

Consequentemente, a sala de aula – extensão da sociedade – é um ambiente onde a diversidade de sujeitos se reflete nas interações, influenciando também a língua, que apresenta variações. Kilomba (2019) afirma:

Por mais poética que possa ser, a língua também tem sua dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através de suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana. (Kilomba, 2019, p. 14)

Assim, a língua é instrumento de poder e deve ser analisada pedagogicamente, considerando-se seus impactos nas relações raciais. Para Santos (2018, p. 23): “É preciso desenterrar nossos temores, tirar a roupagem do medo, adornar nosso pensamento com a bandeira da justiça e refletir sobre o tipo de sociedade que ansiamos para futuras gerações.”.

Diante disso, destaca-se a necessidade da inserção de textos diversos na perspectiva étnico-racial como material para oficinas de letramento, contribuindo para práticas de leitura que unam conhecimento e experiência, aproximando indivíduo e sociedade.

3.2.A leitura como prática social e interativa

A leitura, enquanto prática social, insere o estudante nas interações e nos modos de compreender o mundo. Para Oliveira, Tinoco e Santos (2014, p. 35): “Significa envolvê-lo no processo educativo, dividindo com ele responsabilidades, tarefas e formas de sentir.” Assim, a prática de leitura precisa valorizar o saber dos estudantes, evitando processos segregadores que privilegiem uma cultura em detrimento de outra. Como o Brasil é um país diverso, é imprescindível que o trabalho pedagógico reconheça essa pluralidade.

Gomes (2005) ressalta:

Não faz sentido que a escola, uma instituição que trabalha com os delicados processos da formação humana, dentre os quais se insere a diversidade étnico-racial, continue dando uma ênfase desproporcional à aquisição dos saberes e conteúdos escolares e se esquecendo de que o humano não se constitui apenas de intelecto, mas também de diferenças, identidades, emoções, representações, valores, títulos. (Gomes, 2005, p. 10)

Nesse sentido, cabe à escola trabalhar a diversidade como eixo da formação integral, valorizando culturas, emoções e identidades, indo além dos conteúdos sistemáticos. Trabalhar a diversidade é tarefa contínua, complexa e essencial, pois visa reduzir práticas racistas presentes na sociedade e na escola.

3.3.A perspectiva dos letramentos para a formação de leitores críticos

O conceito de letramento é múltiplo e diverso. Soares (2020) indica que sua amplitude exige o uso de termos como “multiletramentos” ou “múltiplos letramentos”. Isso revela a complexidade e abrangência do conceito.

Kleiman (2012, p. 18) define: “O letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.”.

Street (2014) complementa ao afirmar que:

O letramento não é simplesmente adquirir conteúdo, mas aprender um processo. [...] O aluno está aprendendo modelos culturais de identidade e personalidade, não apenas decodificar a escrita. (Street, 2014, p. 154)

Com isso, compreende-se que letramento não equivale à alfabetização; ele considera o sujeito em seu contexto social, cultural e identitário.

O letramento crítico torna-se essencial para o engajamento e a emancipação dos estudantes. Kleiman (1996, p. 20) observa que: “A escola (...) preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento.”.

Arruda (2023, p. 12) afirma: “É preciso mais do que interpretar o mundo, é preciso transformá-lo. É preciso mais que letramento crítico para criticar os sistemas de dominação, é preciso transgredi-los.”.

Xavier e Cruz (2024) destacam:

O letramento crítico nasce do entendimento de que o aluno não devia mais ocupar um lugar de neutralidade e parcialidade nos debates (...) esvair-se de todas as influências (...) que o constituem como cidadão imerso na sociedade. (Xavier e Cruz, 2024, p. 39)

Portanto, o letramento crítico promove a autonomia, a formação cidadã e a capacidade de análise das práticas discursivas racializadas presentes no contexto escolar e social.

4. Metodologia

Esta pesquisa será realizada a partir de uma abordagem qualitativa com viés interventivo, pois se pretende compreender as práticas sociais presentes no contexto escolar e, ao mesmo tempo, intervir por meio de oficinas de leitura que possibilitem reflexões críticas sobre as relações étnico-raciais.

Minayo (2001, p. 7) concebe a pesquisa qualitativa como aquela que: “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”. Essa perspectiva dialoga com os objetivos do estudo, que busca compreender como práticas de letramento racial crítico desenvolvidas em sala de aula contribuem para a formação de leitores críticos.

A pesquisa terá como campo de investigação a Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte, localizada na cidade de Serra do Mel–RN, e como sujeitos da pesquisa os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. A escolha dessa turma justifica-se pela necessidade de promover reflexões e debates sobre a temática étnico-racial com adolescentes em processo de consolidação da identidade e da formação cidadã.

O desenvolvimento da investigação se dará por meio de oficinas de leitura, utilizando gêneros discursivos diversos – literários e não literários – que tratam da temática racial. As oficinas têm caráter formativo e buscam promover situações de leitura crítica que permitam aos estudantes identificar discursos discriminatórios, reconhecer práticas racistas presentes no cotidiano escolar e ampliar seus conhecimentos sobre a história e a cultura afro-brasileira.

A aplicação das oficinas será acompanhada por observações sistemáticas, em que se buscará compreender como os estudantes interagem com os textos, como interpretam os discursos e como constroem sentidos a partir das atividades propostas.

Além disso, serão analisados os registros produzidos pelos estudantes durante as oficinas, permitindo uma interpretação mais profunda das práticas de leitura desenvolvidas e dos modos como os alunos se posicionam criticamente diante das questões raciais abordadas.

A metodologia adotada permitirá uma aproximação reflexiva entre teoria e prática, contribuindo para que a escola se consolide como espaço não apenas de reprodução de discursos, mas de transformação social, por meio da valorização da diversidade e do combate ao racismo.

5. Descrição das oficinas

As oficinas serão desenvolvidas com base em gêneros discursivos diversos que abordam a temática étnico-racial, de modo a promover práticas de leitura críticas e significativas. Cada oficina foi planejada para estimular reflexões, debates e desconstrução de discursos discriminatórios presentes na sociedade e no ambiente escolar. As atividades possibilitam que os estudan-

tes se reconheçam nos textos trabalhados e ampliem seus conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira.

As oficinas propostas são:

1ª oficina: “Cores do diálogo”. Roda de conversa: os estudantes irão responder a um questionário com questões relacionadas à leitura e aos aspectos étnico-raciais para diagnosticar o nível de leitura e de conhecimento sobre a temática da pesquisa. Em seguida, os estudantes irão participar de uma roda de conversa com autores, pesquisadores ou membros da comunidade étnico-racial. O primeiro momento será uma exposição com as falas dos convidados e depois os alunos irão escrever uma pergunta e colocar na caixinha para que os convidados respondam aos questionamentos dos discentes.

2ª oficina: “Ler para Re-existir”. Nesta oficina será trabalhado o livro o pequeno príncipe preto de Rodrigo França. Na ocasião os estudantes irão fazer a leitura da obra de forma compartilhada e farão atividade lúdicas que vão do caça ao tesouro, árvore dos afetos a criação do *stop motion* com *post-its*.

3ª oficina: “Vozes, memórias, escrita”. Leitura e socialização da autobiografia de Djamilia Ribeiro e após a leitura e discussão, os estudantes farão suas autobiografias, a fim de identificarmos o pertencimento ou negação das pessoas negras no ambiente escolar. As produções serão selecionadas as melhores para serem lidas no *podcast*.

4ª oficina: “Sentir na pele”. Os estudantes serão colocados em situações racistas do cotidiano e a partir da vivência irão elaborar um relato de experiência. Essa oficina será desenvolvida para trabalhar a empatia e o respeito à dor do outro.

5ª oficina: “Lentes escuras”. Os estudantes irão participar de uma conversa com um fotógrafo profissional para conhecer as técnicas de fotografia. Em seguida, irão fotografar belezas negras. As fotografias irão compor a exposição de fotos- legendas da turma. Essa atividade será desenvolvida para trabalhar a aceitação e valorização da pessoa negra.

Com o objetivo de contribuir significativamente para a aprendizagem dos estudantes, será elaborado alguns *podcasts* escolares sobre a temática da diversidade étnico-racial (resenhar livros, contos, fazer entrevistas com profissionais que trabalham essa temática. Apresentar ritmos e músicas de origem africana...) para que toda comunidade escolar possa ter acesso ao material sempre que for necessário. Ou seja, os *podcasts* ficarão disponíveis para serem usados como material pedagógico pelos professores e também para os alunos tirarem dúvidas acerca dos aspectos étnico-raciais.

6. Considerações

O desenvolvimento deste estudo evidenciou a importância de abordar as relações étnico-raciais no ambiente escolar a partir de práticas de letramento racial crítico. A escola, enquanto espaço plural, demanda ações pedagógicas que promovam o respeito, a valorização das diferenças e a desconstrução de discursos discriminatórios ainda presentes na sociedade e no cotidiano escolar.

A proposta das oficinas de leitura, fundamentada em gêneros discursivos diversos, buscou proporcionar momentos de reflexão e diálogo sobre o racismo, reconhecendo a linguagem como instrumento de poder e de construção de identidades. A partir da leitura crítica, os estudantes puderam ampliar suas compreensões acerca da diversidade étnico-racial, analisando como a discriminação se manifesta e como pode ser enfrentada por meio do conhecimento, da argumentação e da valorização da cultura afro-brasileira.

Com a aplicação das oficinas, espera-se que os estudantes não apenas desenvolvam competências leitoras, mas também construam consciência social crítica, tornando-se capazes de identificar discursos preconceituosos e posicionar-se diante deles. Assim, entende-se que as práticas de letramento racial crítico contribuem significativamente para a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e comprometidos com a equidade racial.

Dessa forma, este estudo reafirma a necessidade de que o trabalho pedagógico considere o contexto social, cultural e identitário dos estudantes, valorizando suas experiências e favorecendo a construção de práticas escolares antirracistas. Espera-se que as reflexões e ações desenvolvidas ao longo deste processo possam colaborar não apenas para a desconstrução de práticas discriminatórias, mas também para a construção de uma escola que reconheça e respeite a diversidade como princípio fundamental para a formação cidadã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARRUDA, Débora Liberato. Letramento crítico em princípios: ausência, presença e transgressão. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 23, p. 1-18, Tubarão-SC, 2023.

AZEVEDO, Roberta Adalgisa Gê-Acaiaba de. *Projeto de letramento: O ensino da leitura e da escrita como práticas emancipadoras no nono ano do ensino fundamental II*. Minas Gerais: Uberaba, 2019.

BRASIL. *Lei 10.639* (2003). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 25 jun. 2025.

BRASIL, Ministério da Educação, *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana* (2004). Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoesdiversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

GIOVANI, Fabiana (Org.). *Metodologias de pesquisa do profletras em perspectiva*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

GOMES, Nilma Lino. *Discriminação racial e pluralismo nas escolas públicas da cidade de São Paulo*. In: GOMES, N.L.L. (Org.). *Educação antirracista caminhos abertos pela lei federal no 10. 639/03*. Brasília Ministério da Educação – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, K. (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HENRIQUES Ricardo, CAVALLEIRO Eliane. Prefácio. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2022: *população e domicílios*: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 27 jun. 2025.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Trad. de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KLEIMAN, Angela B. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola. In____: MORAES, S.E. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1999.

_____. (Org.). *Os significados do letramento*: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 2. ed. Campinas-SP: Mercado das letras, 2012.

_____. *Texto e leitura*: bases para uma nova proposta de ensino de língua materna. Campinas: Pontes, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Linguagem e letramento em foco*: meus alunos não gostam de ler, o que eu faço? Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

_____; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social*. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

ROJO, Roxane (org.). *Escol@ conectada*: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Lúcia de Fátima Araújo dos. *Leitura e práticas discursivas étnico-raciais em aulas de língua portuguesa*. Rio Grande do Norte, Assu, 2018.

SOARES, Magda. *Alfabetar*: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Letramento*: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

STREET, Bryan. *Letramentos sociais*: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

VILACA, Maria José; ARAÚJO, Cláudia. *Ensino de língua e textos autênticos*. São Paulo: Cortez, 2019.

XAVIER, Jailson Alcântara; CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. As práticas de leitura e letramento como ato político. *GrauZero: Revista de Crítica Cultural*, v. 12, n. 1, p. 1-24, Salvador, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.30620/grazero.v12n1p35>. Acesso em: 27 jun. 2025.